



Conselho Universitário aprova a reeleição

Por 48 votos a favor, uma abstenção e 10 votos contra, o plenário do Conselho Universitário, reunido em sessão extraordinária, aprovou no dia 15 de junho de 2011 o Relato da Comissão Permanente de Legislação e Normas sobre o Processo 5248/2011, que institui na UERJ o estatuto da reeleição – em dois mandados consecutivos – para os cargos de Reitor, Vice-Reitor, diretores de Centros Setoriais, de diretores e vice-diretores de unidades acadêmicas e do Hospital Universitário Pedro Ernesto, de diretor do Cepuerj e de diretor da Rede Sirius. A relatora foi a professora Eloiza da Silva Gomes de Oliveira.

> Páginas 8 e 9

Fórum debate as cidades

Encontro Internacional organizado pelo Núcleo de Estudos dos Povos das Américas (Nucleas/UERJ) debateu questões que afetam as grandes cidades em mesas e sessões que abordaram cidadania, políticas públicas, meio ambiente, saúde, cultura e etnicidade. O Fórum reuniu pesquisadores representando Argentina, Chile, Costa Rica, Cuba, Equador, México, Trinidad e Tobago, Polônia e Rússia.

> Página 3

IV censo Pró-Saúde tem início em agosto

O Programa Pró-saúde da UERJ, que desenvolve atividades de ensino e pesquisa, acompanha e analisa desde 1998 a trajetória e a qualidade de vida de um grupo de servidores voluntários da Universidade para melhor compreender a evolução das suas condições de saúde. Entre outros aspectos, o censo avalia alterações na pressão arterial e casos de obesidade, dois fatores de risco para as doenças cardiovasculares, identificadas pela Organização Mundial de Saúde como a principal causa de mortalidade global.

> Página 13

Aulas no IPRJ

Com o *campus* afetado pelas chuvas de janeiro na Região Serrana, as aulas do primeiro semestre letivo de 2011 em Nova Friburgo, começaram em 9 de maio, em instalações provisórias até a mudança para o novo local de funcionamento.

> Página 2

Energias renováveis

O Laboratório de Energia Eólica da UERJ trabalha para que esse recurso natural seja melhor aproveitado no país. A energia eólica é limpa, barata e a extensão territorial do Brasil facilita a instalação das usinas.

> Páginas 10 e 11



A Química para um mundo melhor

Professores e alunos do Instituto de Química aderem à campanha internacional que valoriza as contribuições da disciplina para a sociedade e às comemorações do centenário de recebimento do Prêmio Nobel pela cientista Marie Curie.

> Página 12

> EDITORIAL

A ética e a inovação



Investimento tecnológico rima obrigatoriamente com responsabilidade sócio-ambiental: é o que demonstra esta edição do *UERJ em Questão*. Um exemplo é a matéria sobre a primeira estrada parque do estado do Rio de Janeiro, que está sendo construída em uma área de proteção ambiental na Serra da Mantiqueira. Com a participação da UERJ em seu projeto, a rodovia que ligará Capelinha a Visconde de Mauá (na RJ 163) procura se adaptar ao local e evitar impactos desfavoráveis ao ambiente. A estrada terá mirantes, usará asfalto com material menos poluente e inclui passagens subterrâneas e aéreas para a travessia de animais silvestres.

Outra reportagem aborda a utilização de fontes de energias renováveis, aquelas cujos recursos naturais são capazes de se regenerar, seja por meio dos ventos (energia eólica), do sol (energia solar), de correnteza de rios e térmica. No tratamento do assunto, surge a oportunidade de conhecer, por exemplo, o trabalho do Laboratório de Energia Eólica.

O Ano Internacional da Química, proclamado pela Unesco, está servindo de inspiração para que o Instituto de Química da UERJ programe para o segundo semestre atividades que demonstrem à comunidade acadêmica e à sociedade em geral os benefícios trazidos pela química para o cotidiano da vida das pessoas.

Finalmente, mas não menos importante, vale destacar a matéria sobre o Programa de Estudos dos Povos Indígenas, vinculado à Faculdade de Educação, que desde a sua criação em 1992 com o objetivo de promover as questões indígenas desenvolve diversos projetos e assim contribui para a manutenção da cultura e a formação profissional de índios, bem como para estimular pesquisas e ações pedagógicas destinadas a redimensionar a temática indígena nas escolas de ensino público e privado.

Boa leitura!

> PELOS CAMPI

Novas instalações do Instituto Politécnico

Escolhido o local para funcionamento do *campus* da UERJ em Nova Friburgo – as instalações do Complexo Industrial Filó S.A, situado na Rua Bonfim nº 25, no bairro Vila Amélia – foi assinado no início de maio o contrato de aluguel com opção de compra. O projeto de adaptação das instalações prevê que o IPRJ ocupe dois prédios de três andares da antiga fábrica. De acordo com o diretor do Instituto, professor Hélio Pedro Amaral Souto, as obras de adaptação e adequação da futura sede do Instituto Politécnico do Rio de Janeiro (IPRJ) serão executadas em duas fases. A primeira irá contemplar as salas de aula da graduação e da pós-graduação, os laboratórios de pesquisa, a biblioteca, os laboratórios de informática e os usados pelas disciplinas de graduação. “Priorizamos essas adaptações porque elas vão possibilitar que tenhamos as condições necessárias

de retomarmos as atividades em um local nosso”, explica o diretor.

Na segunda etapa, ainda sem previsão de início, serão realizadas adaptações para a instalação da Incubadora de Empresas de Base Tecnológica (também conhecida como Origem Incubadora de Empresas Inovadoras), dos auditórios e de salas de professores, para reuniões e para os cursos semipresenciais de Licenciatura em Ciências Biológicas e em Pedagogia ligados ao Pólo de Educação a Distância de Nova Friburgo, integrante do Consórcio Cederj. Os estudos para essas reformas foram concluídos pelo Departamento de Manutenção, Obras e Projetos da UERJ, informa a arquiteta Claudia Loiola, chefe da divisão de arquitetura.

Até que a primeira fase da obra seja concluída a Universidade alugou temporariamente parte das instalações da Universidade Estácio de Sá na cidade

– 17 salas de aula, um laboratório de informática e uma sala para o funcionamento administrativo do *campus* regional. As aulas foram iniciadas em 9 de maio. Segundo o diretor do Instituto, “nossa previsão é que o primeiro semestre avance até o final de agosto, com duas semanas de férias, retomando as atividades em setembro e seguindo até o final de janeiro”.

Atingido pelas fortes chuvas na Região Serrana em janeiro deste ano, o *campus* original do IPRJ permanece com acesso restrito. Há uma equipe de manutenção no local providenciando a desobstrução de algumas vias internas e a remoção de escombros. O Instituto Politécnico de Nova Friburgo oferece cursos de graduação nas áreas de Engenharia Mecânica e Engenharia de Computação, com 522 estudantes matriculados, 42 alunos de pós-graduação em Modelagem Computacional e 22 em Ciência e Tecnologia de Materiais.

FFP promove atividades cineclubistas

Alunos, professores, funcionários e moradores da região de São Gonçalo podem ter acesso à produção cinematográfica por meio do Laboratório Audiovisual Cinema Paraíso. Cadastrado como projeto de extensão e pesquisa da Faculdade de Formação de Professores (FFP), “o laboratório tem como proposta atuar como espaço colaborativo, comunitário, de experimentação, convívio e troca, permitindo que todos opinem”, diz a sua idealizadora, professora Monique Franco.

A criação do Laboratório, que completa cinco anos em junho de 2011, surgiu da necessidade de oferecer oficinas no âmbito do Programa de Iniciação Acadêmica (Proiniciar), para alunos que ingressam na UERJ

por meio do sistema de reserva de vagas. Depois do primeiro ano, a proposta evoluiu e o Laboratório Audiovisual Cinema Paraíso criou vida própria. Hoje abre a possibilidade de outro modelo de formação para os estudantes, no momento de transição do uso de vídeo para produções. O professor pode agora avançar e não apenas reproduzir o que já existe.

Além de mostras de cinema e debates com profissionais, desde agosto de 2008 são oferecidas oficinas de produção audiovisual, que incluem todas as etapas do processo de criação de vídeos e filmes de curta metragem e animação. O Laboratório também promove atividades voltadas para produção de áudio por meio da webradio Paraíso, criada em 2009, que permite

aos alunos novas arquiteturas sonoras e montagem de grade de programação. Atualmente a webradio tem dez programas produzidos pelos estudantes. O próximo passo será a criação de um *drive in* itinerante denominado Mirarte, unindo o rádio ao cinema. “A transmissão será via rádio de pilha para evitar que o barulho atrapalhe as aulas em curso nos horários de exibição dos filmes”, segundo Monique Franco. O Mirarte deve começar a funcionar ainda em 2011. O Laboratório além de receber apoio da Faperj, é conveniado com a Associação de Cineclubes do Rio de Janeiro (ASCINE-RJ) e tem a colaboração de bolsistas e voluntários. Todos os participantes das oficinas recebem certificado.



Reitor: Ricardo Vieira Vice-Reitora: Christina Maioli

Diretoria de Comunicação Social · Direção: Sonia Virgínia Moreira UERJ em Questão – Edição: Sonia Virgínia Moreira Pauta: Carlos Moreno e Graça Louzada

Reportagem: Janaina Soares, Karen Candido, Mariana Pellegrini, Mayana Garcia e Mônica Sousa Estagiários: Danilo Sanches e Layssace Prazeres Fotos: Thiago Facina

Projeto Gráfico e Editoração: Rafael Bezerra · Tiragem: 10.000 exemplares Impressão: Infoglobo · Contatos: 21 2334-0638 e comuns@uerj.br

The typeface Ingleby is designed by David Engelby and is available at dafont.com . David Engelby has the creative, intellectual ownership of the original design of Ingleby



Fórum discute problemas das grandes cidades

Deslizamentos de terra, enchentes, terremotos, tsunamis: estes são alguns exemplos de desastres naturais recentes ocorridos em regiões distintas do planeta. Diante dessa realidade, o Núcleo de Estudos dos Povos das Américas (Nucleas/UERJ), junto com a Universidade Federal do Espírito Santo e a Universidad Nacional de Costa Rica, organizaram o seu VI Fórum em torno do tema 'Cidades em Debate: Economia, Meio Ambiente e Etnicidade' em três etapas: primeiro no *campus* principal da UERJ, nos dias 1º e 2 de junho, depois em Vitória, ES em 6 e 7 de junho, e finalmente em Erédia, na Costa Rica, nos dias 21 e 22 do mesmo mês.

Na abertura do encontro a Sub-reitora de Graduação, professora Lená de Medeiros, enfatizou a importância de uma discussão mais objetiva sobre os desafios e as expectativas dos países latino-americanos simultaneamente às possibilidades de formulação de políticas públicas a serem adotadas na região, que no seu entendimento "são enriquecedoras no sentido de propor caminhos".

Os assuntos das sessões plenárias se distribuíram entre cidadania, políticas públicas e direito ambiental; saúde, economia e meio ambiente; e cultura, etnicidade e meio ambiente. Segundo a professora Maria Teresa Toríbio Lemos, coordenadora do Nucleas e organizadora do evento, os temas escolhidos tiveram como finalidade tratar de questões como o modo de vida contemporâneo, especialmente dos brasileiros. Segundo



Da esquerda para direita: Maria Teresa Toríbio B. Lemos, César Teixeira Honorato, Katarzina Dembicz, Alexandre Dumans, Edmundo Luiz Tavares, Mario Oliva

ela, "os desastres naturais deste ano no estado do Rio de Janeiro geraram impacto regional e também nacional sobre os efeitos causados por esses fenômenos. Existe uma imensa desigualdade social que leva parte da população a morar em áreas de risco, muitas vezes legalizadas, mas às vezes não há política pública para instalar toda a população em áreas seguras". No caso das chuvas do mês de janeiro na Região Serrana, a professora nota que atingiram moradores de todas as classes sociais.

O VI Fórum de Debates Povos e Cultura das Américas reuniu pesquisadores de países como Argentina, Chile, Costa Rica, Cuba, Equador, México, Trinidad e Tobago, e também da Polônia e da Rússia. Todos contribuíram na troca de experiências de caráter multidisciplinar sobre situações similares vividas em seus respectivos países. Para tanto, o evento contou com a colaboração de geólogos, engenheiros, historiadores, geógrafos, economistas, filósofos, am-

bientistas e cientistas políticos. Para o Sub-reitor de extensão da Universidad Nacional de Costa Rica, Mario Oliva, "o encontro é muito importante porque aborda temas que são fundamentais para a docência, a investigação científica e atividades de extensão nas universidades". Por isso, mesmo que as mesas plenárias tenham sido direcionadas para pesquisadores e especialistas, a organização do Nucleas atendeu o desejo de participação de alunos e professores e programou mesas de debates das quais participaram especialistas de outras instituições do Rio e do Brasil.

Cumpridas as três etapas do Fórum, a proposta agora é fazer um resumo dos principais pontos apresentados nas discussões para ser divulgado tanto à sociedade como para órgãos de governo, uma forma efetiva de contribuir para a elaboração de estratégias de políticas públicas. Os resultados também serão publicados na revista *Latinidade*, produzida pelo Laboratório de Estudos

Políticos das Américas, vinculado ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade.

A coordenadora do Nucleas adiantou, ainda, que está em andamento a assinatura de um acordo formal entre a UERJ e a Universidad Nacional de Costa Rica, parceria que já existe há um ano, cujo objetivo é ampliar o intercâmbio com a UNA. Para o professor Mario Oliva a relação colaborativa com a UERJ é muito importante porque o convênio prevê, dentre outras coisas, que professores das duas instituições possam trabalhar em projetos comuns. Vinculado ao departamento de História, à Faculdade de Direito e à Faculdade de Ciências Econômicas da UERJ, o Nucleas existe há nove anos e, desde 2004, organiza o Fórum Povos e Culturas das Américas, cuja temática varia de acordo com assuntos em destaque nos diversos momentos. O Núcleo recebe apoio da Faperj, da Reitoria e da Sub-reitoria de Graduação da Universidade.

GEOLOGIA MANTÉM MAPEAMENTOS NA REGIÃO SERRANA DO RIO

Para tentar identificar as causas da tragédia na Região Serrana técnicos do serviço geológico da UERJ, juntamente com o serviço geológico do estado do Rio, da PUC Rio e da UFRJ formaram, em janeiro deste ano, o Grupo de Trabalho sobre o megadesastre em 2011. Criado em caráter de urgência para atender as cidades afetadas pelas chuvas, o grupo desenvolve desde então mapeamentos dos locais atingidos principalmente pelos deslizamentos de terra. O objetivo inicial era analisar esses locais possibilitando, por meio de vistorias, a liberação das áreas afetadas para dar continuidade dos trabalhos

de defesa civil e de bombeiros.

Com o fim do período de emergência em 16 de fevereiro, a equipe produziu um relatório inicial composto por cerca de 200 laudos e vistorias. Nele foram apresentadas algumas impressões técnicas avaliando, por exemplo, que as precipitações provenientes das zonas de convergência do Atlântico Sul atingiram de forma atípica a região. "Analisamos que se essas chuvas não tivessem chegado aos municípios de forma diferente, a tragédia poderia ter sido pior, porque atingiria mais as regiões urbanas de Petrópolis e Teresópolis", informa o professor da Faculdade de Geologia

e membro do GT, Francisco de Assis Dourado da Silva. Os tipos de deslizamentos e os mapeamentos feitos nos locais antes da tragédia também fazem parte do relatório inicial.

Desde então, os técnicos realizam semanalmente trabalhos de campo nos locais que sediam estudos geotécnicos, geomorfológicos e geológicos. O GT planeja divulgar o relatório final com todas as observações em outubro ou novembro deste ano. Segundo o professor, o momento escolhido para divulgação está vinculado à necessidade de se preparar para o verão, estação do ano em que as precipitações são mais intensas.

Para Dourado, a importância do diagnóstico está na identificação da causa dos problemas: "Entre os dias 10 e 11 de janeiro de 2011, a Região Serrana foi atingida por chuvas intensas de até 300mm em 36 horas, com pico de 220mm em 10 horas. Morreram 914 pessoas e cerca de 300 estão desaparecidas. Uma chuva dessa intensidade é forte, mas não é recorde. Algumas áreas demarcadas anteriormente como de risco sofreram com as precipitações, mas locais tidos como seguros também foram afetados por deslizamentos. Queremos descobrir porquê".

Meio Ambiente

UERJ é parceira na construção da primeira estrada parque do estado

Localizada em área de proteção ambiental na Serra da Mantiqueira, a região de Visconde de Mauá será contemplada com a primeira estrada parque do estado do Rio de Janeiro. O projeto, do qual a UERJ participa, vai ligar Capelinha a Visconde de Mauá (na estrada RJ 163) e atravessará um trecho da área de proteção procurando se adaptar ao local e evitando possíveis impactos ao meio ambiente. A estrada, de asfalto com material menos poluente, inclui mirantes e passagens subterrâneas e aéreas para a travessia de animais.

Esta foi a primeira participação da UERJ em um projeto do gênero. Josué Setta, professor do departamento de Construção Civil e Transportes da Faculdade de Engenharia, explica que existiam propostas para a construção de estradas entre Penedo e Visconde de Mauá, mas havia resistência dos moradores de Visconde de Mauá, que não desejavam o aumento do movimento de carros na região. O governo do estado optou então pelo conceito de estrada parque e elaborou um decreto determinando a construção do acesso à região sob essas condições. Depois do consenso – que envolveu o Instituto Estadual do Ambiente e o Departamento de Estradas de Rodagem – para que fossem feitos ajustes na construção da estrada, a Universidade foi convidada a participar orientando os técnicos e operários. A primeira tarefa da equipe da UERJ foi analisar o projeto apresentado por uma empresa privada e algumas proposições que dessem o perfil de estrada parque ao trecho. Em seguida, o mesmo grupo da Universidade sugeriu adequações, gerenciou projetos complementares e realizou um estudo sobre a tecnologia a ser utilizada.



Maquete eletrônica simula como será a zoopassagem aérea na estrada parque que vai ligar o trecho entre Capelinha e Visconde de Mauá na Serra da Mantiqueira

Como ainda não existe um único conceito para esse tipo de estrada, a equipe levou em consideração modelos já existentes, como aqueles do Centro-Oeste e desenvolvidos pelo Instituto Mata Atlântica. Segundo o professor Setta a maior contribuição da Universidade foi construir uma metodologia para projetos de estrada parque, pois foram necessárias algumas adaptações em termos de soluções técnicas aos já existentes: “tivemos, por exemplo, que avaliar o tipo de obra para contenção de encosta. Em alguns trechos havia a proposta de alargar muito a estrada e isso foi alterado por nós”. Ele observa que audiências públicas

com a comunidade local serviram para esclarecer dúvidas. Participaram dessa etapa do projeto multidisciplinar outros docentes da UERJ, consultores e estudantes.

Cultura ambiental

Na opinião de Josué Setta é preciso que a sociedade contribua no estabelecimento de um acordo para o conceito de sustentabilidade: “o grande desafio dessas estradas são os confrontos cultural e conceitual. De um lado temos um ambientalismo preservacionista extremado, que não permite que se mexa em nada e, de outro, órgãos executores que não foram for-

mados nessa cultura e normalmente se preocupam mais com a relação custo / benefício”. Por isso é necessário que a conscientização ambiental seja internalizada pelos trabalhadores envolvidos (operadores de máquina, engenheiros, peões etc.), de modo que sejam explicadas a eles as peculiaridades da construção de uma estrada que demanda adaptações de acordo com o que é encontrado no decorrer da obra. No caso especial das estradas parque é indispensável que os encarregados da sua execução enxerguem a obra de forma diferente, respeitando pedras e pontes antigas que por acaso estejam no meio do cami-

nho. Segundo o professor, “uma estrada tradicional é trabalho de intervenção que liga um ponto a outro e determina o trajeto no qual somos passantes. Já a estrada parque é parte do lazer, do prazer de se movimentar, e deve ser encarada como etapa desse deslocamento. Nela faz sentido reduzir o limite de velocidade, criar pontos de contemplação, ter informações sobre o tipo de fauna que habita a região, entre muitos outros detalhes”.

Tradicionalmente, em uma obra de engenharia é feito um estudo técnico de viabilidade que leva em consideração a relação “maior benefício pelo menor custo”. Em uma estrada

parque esse conceito não pode prevalecer, defende o professor: “se for preciso que a estrada, em vez de ter um leito de sete metros de largura, tenha um leito de seis metros e meio em determinado trecho porque queremos deixar à vista uma vegetação ou se precisarmos fazer uma contenção de encosta por um método mais lento e custoso em favor da preservação das características locais, vale a pena o sacrifício, mesmo que a obra leve mais tempo para ser concluída.” Para que a percepção dos envolvidos nesse tipo de obra seja alterado é papel da Universidade disseminar a informação e interagir com a sociedade e os órgãos executores. Trata-se de um processo de conscientização e de formação cultural que leva tempo, porque os trabalhadores precisam estar conscientes de que participam de um tipo diferente de construção.

Cronograma

A Secretaria de Estado de Obras informa que a estrada parque tem 16 km de pavimentação, saindo de Capelinha e chegando à Vila dos Imigrantes em Visconde de Mauá, com um custo estimado de R\$ 49 milhões. A fase de terraplanagem está concluída e a pavimentação em estágio avançado. As zoopassagens subterrâneas, instaladas ao longo do trajeto, começam a mostrar a sua importância ao servir de caminho para os animais silvestres, que antes se aventuravam na estrada. A previsão é de que o projeto, que inclui ainda a urbanização da Vila e a adequação ambiental da

estrada, “esteja finalizado até outubro de 2011”, segundo o subsecretário de projetos de urbanismo da Secretaria de Estado de Obras, Vicente Loureiro. O DER, órgão vinculado à Secretaria, está encarregado de executar a obra.

Loureiro acrescenta que além de melhorar o acesso à região, a rota Capelinha-Mauá inclui projetos de saúde, de conectividade e de qualificação profissional: “hoje, se uma pessoa passa mal em Visconde de Mauá durante a noite deve esperar até a manhã seguinte para seguir a um hospital em segurança. Com a nova estrada haverá melhor qualidade no acesso de turistas e no trânsito de moradores entre a região e os municípios de Resende e Itaiaia”. Ele destaca a parceria com a UERJ ao afirmar que é “de suma importância” a participação da universidade na elaboração de projetos, porque traz para o âmbito do governo experiências novas e projetos antenados com o que há de mais avançado nas áreas de engenharia e arquitetura. A implantação de asfalto com polímeros, por exemplo, mostra a preocupação com o impacto e a preservação do meio ambiente.

A meta comum de todas as partes envolvidas na obra é entregar à população uma estrada parque construída com preocupação ambiental, na qual se destacam as zoopassagens subterrâneas, e que permita uma vista privilegiada dos vales do Rio Paraíba (pelo lado de Resende) e do Rio Preto (no trecho voltado para Visconde de Mauá).

Registro e reflexões sobre a memória são objetivos do *Café com História*



Márcia Gonçalves, Edgard Leite e Beatriz Vieira participam da terceira edição do *Café com História*

Um bate-papo informal, sem o caráter acadêmico de exposição sobre tema pré-determinado. Assim o programa de extensão *Café com História* foi criado para debater assuntos ligados à história, à cultura e áreas afins e também forma de homenagear personagens importantes da Universidade. Coordenado pelo professor Edgard Leite, do departamento de História da UERJ, integra o projeto de extensão Manoel Salgado, instituído em homenagem ao professor falecido em abril de 2010. Um dos objetivos é permitir que docentes possam falar sobre pessoas importantes para a instituição e as pesquisas que desenvolvem, estabelecendo um relacionamento informal entre colegas e alunos de história e de outras áreas.

O primeiro encontro, realizado em março sob o título ‘Lembrando Manoel Salgado’, teve a participação dos professores André Campos, Lúcia Guimarães e Edgard Leite. “Falamos não só sobre a produção acadêmica do mestre, mas também sobre sua vida, a interação com a Universidade e o departamento e a relação entre suas produções em História com a cultura em geral”, diz Edgard Leite. O segundo encontro, organizado em abril, foi ‘Lembrando Marilena Ramos’, tributo à professora falecida em fevereiro de 2011, do qual participaram os professores Orlando de Barros, Edna Santos e Luiz Edmundo Tavares. Os depoimentos mostraram a inserção de Marilena tanto na carreira docente como na

sociedade. Em maio, o *Café com História* recebeu as professoras Márcia Gonçalves e Beatriz Vieira para tratar de ‘História e Poesia’. O quarto encontro, ‘História e Conspirações’, em junho, com a participação dos professores Oswaldo Munteal Filho e Adílio Jorge Marques, foi programado para debater o papel e a realidade das conspirações nos processos históricos.

Segundo o coordenador, o programa pretende delinear a memória do próprio departamento de História. “Queremos ter um lugar onde possamos nos encontrar institucionalmente e refletir sobre o que somos, o legado e os esforços sintetizados nas ações de diferentes gerações”, explica Edgard Leite, acrescentando que assim as diferentes gerações interdepartamentais se conheçam e interajam. Outra intenção é fazer com que professores, alunos e o público com interesse no campo tenham contato com a cultura da área: “nossos temas são sempre acadêmicos, mas possuem uma abertura para outras áreas. Os professores são incentivados a estabelecer conexões e relações entre a história e outras áreas do conhecimento, uma experiência importante para o próprio curso e para quem dele participa”, explica.

O projeto surgiu depois do falecimento do professor Manoel Salgado, mas já havia uma avaliação interna sobre a carência de experiências culturais dentro do departamento, sem uma atividade

direcionada para a reunião regular de professores e alunos. A perda do professor deu forma à proposta e o projeto recebeu o seu nome porque ele era uma pessoa com reconhecida sensibilidade cultural.

Os planos envolvem a diversificação das atividades do grupo no futuro, com a criação de cursos de extensão em outras áreas (música, artes plásticas e literatura), bem como a interação com outros departamentos e áreas universitárias para que a cultura se firme como uma característica do programa. Os dois primeiros encontros, “muito emotivos”, apontaram a vocação do *Café com História*: de evento no qual as pessoas podem descobrir elementos de formação e informação por vezes mais difíceis de localizar em outros espaços.

Para Edgard Leite, a existência desse tipo de atividade é interessante porque reforça como a Universidade pode ser um espaço que complementa a educação e a pesquisa com projetos de extensão. O *Café com História* é uma promoção conjunta entre o departamento cultural da Sub-reitoria de Extensão e Cultura, a coordenadoria de Artes e Oficinas de Criação e o Projeto Manoel Salgado. Os encontros são mensais, com duração média de uma hora. Estão sendo gravados em vídeo e estarão disponíveis no YouTube. Outros dados podem ser encontrados no endereço do Facebook (Projeto Manoel Salgado Uerj) e no blog <http://projetomanoelsalgado.blogspot.com/>.

Construção do Arco Metropolitano reúne Engenharia e o DER

Obra vai interligar a via Dutra e Itaguaí aos acessos para Petrópolis-Teresópolis e Região dos Lagos



Pode parecer um sonho, mas a proposta existe: desafogar a Avenida Brasil, interligar municípios da Baixada Fluminense, criar um acesso de Itaguaí à Região dos Lagos e tráfegar direto da Rodovia Presidente Dutra e da Rio-Santos à BR-040 por uma única estrada. O empreendimento que compõe as obras do Arco Metropolitano é mais um dos projetos nos quais a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, por meio da Faculdade de Engenharia, está presente em outra parceria com o Departamento de Estradas e Rodagens (DER), setor estadual responsável pelo gerenciamento, supervisão e fiscalização da construção. Professores e pesquisadores assesso-

ram o DER e também monitoram as atividades dos alunos que participam da execução do projeto.

José Pimenta, um dos professores envolvidos no empreendimento, explica que uma obra desta magnitude, que utiliza técnicas modernas de materiais, serviços e de equipamentos é um campo fértil para a universidade: “Temos, por exemplo, uma mestranda na área de Geotecnia que desenvolve um trabalho sobre monitoramento para a estabilidade dos aterros construídos para o Arco. Essa é uma maneira da Universidade funcionar como um suporte para as obras”.

O acompanhamento da UERJ auxilia diretamente a equipe respon-

Os maiores desafios do empreendimento são as próprias obras, denominadas de ‘artes especiais’ porque incluem pontes, viadutos e obras de contenção

sável pela construção, formada por oito empresas que constituíram um consórcio de obras em que cada dupla é responsável por um dos quatro lotes do empreendimento. O professor assinala que do ponto de vista da aprendizagem o ganho é fundamental para os dois lados, principalmente pela proposta da extensão: “se nós, acadêmicos,

levamos o conhecimento gerado pelos nossos estudos e pesquisas nesta área do conhecimento, também importamos muito das experiências desenvolvidas pelas empresas – tanto as empresas projetistas como as construtoras e os órgãos de governo. Outro exemplo são os ensaios de verificação e de contra-prova dos serviços no

âmbito do uso dos laboratórios da Engenharia, associados às disciplinas de solo, concreto e pavimentação, que geram um volume de estudos e análises a partir de uma obra de grande porte.

Projeto

O Arco Metropolitano é uma rodovia de 72 quilômetros de extensão. O percurso será feito em uma via identificada como de “primeira classe”, ou seja: dois sentidos de tráfego e, em cada um dos sentidos, duas vias de rolamento. Os maiores desafios do empreendimento são as próprias obras, denominadas pela Engenharia de ‘artes especiais’, porque incluem pontes, viadutos e obras de contenção, todos eles

elementos da etapa de construção que viabilizam tanto a diretriz do projeto como as especificações de uma rodovia com perfil para atender velocidades de tráfego de 90 quilômetros por hora. Nesta velocidade, será possível cruzar de um trecho a outro em uma média entre 45 e 50 minutos.

Com um projeto original datado das décadas de 70 e 80, o Arco Metropolitano já teve a denominação de BR 493 e RJ-109, mas não chegou a ser iniciado. A construção da obra atual começou em 2010 e está na primeira parte do traçado, que se divide em quatro trechos. O prazo previsto para a sua conclusão é 2012.

Homenagem

Um professor com formação multidisciplinar

“Pode entrar que a porta está sempre aberta”. Esta era a frase preferida do professor José Flávio Pessoa de Barros, falecido no dia 30 de maio, segundo a coordenadora do Programa de Estudos e Pesquisas das Religiões (Proeper), Telma Simoni da Gama. Descrito pelos amigos como pessoa calma, pacífica, inteligente e conciliadora, mantinha ótima relação com os alunos.

Sua formação foi multidisciplinar: graduou-se em Direito pela Universidade Cândido Mendes e em Ciências Físicas e Biológicas pela Universidade Gama Filho. Especializou-se em Antropologia Biológica e Arqueologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), recebeu o título de doutor em Antropologia pela Universidade de São Paulo (USP) e fez pós-doutorado em Antropologia Social na Universidade Paris-Descartes, na França.

Na UERJ, o professor José Flávio lecionou Antropologia Social entre 1976 e 2004, quando se aposentou como professor adjunto do departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH). Entre as diversas funções exercidas, criou e coordenou na Universidade o Programa de Estudos e Debates dos Povos Africanos (Proafro), o Proeper e o Programa de Estudos da América Latina e Caribe (Proealc) e exerceu os cargos de diretor do Centro de Ciências Sociais e chefe de departamento do curso de Ciências Sociais do IFCH. Depois de se aposentar, José Flávio continuou na Universidade como pesquisador do Núcleo de Estudos das Américas (Nucleas) lecionando, realizando pesquisas e minicursos. Tam-



Professor José Flávio Pessoa de Barros (no centro da foto) preside mesa solene em evento do Programa de Estudos e Pesquisas das Religiões – Proeper

bém co-orientava alunos de pós-graduação e fazia palestras no Proeper. Em 2010 voltou ao IFCH como professor visitante do Programa de Pós-graduação em História, atuando na linha de pesquisa Política e Cultura.

Profundamente dedicado às suas atividades, o professor José Flávio foi discípulo do fotógrafo francês radicado na Bahia, Pierre Verger, e trabalhou durante quatro anos com tribos indígenas no Xingu, ao lado do antropólogo Darcy Ribeiro, mas uma doença o obrigou a se afastar desse estudo.

A amizade e a admiração de Telma Gama pelo professor começaram em 1986, quando ela ingressou na UERJ no extinto curso de mestrado em Estudos de Problemas Brasileiros. A partir de então a convivência com ele foi se estreitando: “trabalhei como secretária particular do professor Flávio

durante 20 anos e posso falar da pessoa excepcional que ele era, tanto em relação ao seu caráter quanto à sua personalidade. Ele me ensinou a perceber o mundo religioso de maneira diferente. Posso dizer que foi meu mentor espiritual e acadêmico”, diz Telma

A professora do Departamento de História e coordenadora do Nucleas, Maria Teresa Lemos, confirma a lacuna deixada pelo professor José Flávio: “ele era figura emblemática. É insubstituível como amigo, pela paciência e dedicação com que nos tratava e do ponto de vista acadêmico sua ausência será ainda maior. Era um dos poucos a pesquisar as culturas afro-brasileira e religiosa, as ciências sociais, a escravidão e um dos únicos a escrever sobre o uso das plantas”.

Maria Teresa conheceu o professor na década de 70,

quando eram pesquisadores do Museu Nacional e trabalhavam com a professora Marília Carvalho de Mello e Alvim. José Flávio pesquisava antropologia botânica: “Na época, eu dava aulas na Universidade Gama Filho e ele trabalhava no governo do estado e fazia conferências na UGF. Como trabalhávamos no mesmo setor do Museu Nacional era frequente fazermos pesquisa de campo juntos”. Assim, os dois publicaram diversos livros em co-autoria. José Flávio entrou para a UERJ em 1976, para lecionar Antropologia, e Maria Teresa em 1984, para dar aulas de História da América. Na década de 90, a pedido do Reitor Hésio Cordeiro, José Flávio criou o Proealc, que contribuiu para abrir as portas da Universidade para países do Leste Europeu, com a assinatura de vários convênios”.

Coordenadora do Proeper, a professora Edna Maria dos Santos, outra amiga de longa data e colega de trabalho desde o período em que ocuparam cargos na diretoria de Relações Institucionais da Universidade entre 1996 e 2000, identifica o professor como antropólogo respeitado e preocupado com a valorização das culturas do continente africano, engajado em pesquisar as relações entre a África e o Brasil: “era intelectual de destaque e foi um grande amigo. Onde estiver, estará junto com ele muita alegria, paz e muito axé”.

Professor de cursos de especialização na Universidade Federal Fluminense, foi responsável pela disciplina Antropologia das Religiões. Também passou um período em outras atividades externas: como professor visitante na Universidade de Varsóvia; como professor adjunto do Instituto de Humanidades da Universidade Cândido Mendes e como subsecretário na Secretaria de Desenvolvimento, Ciência e Tecnologia da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Sempre atuou no campo da Antropologia, com ênfase em antropologia das religiões, etnobotânica (estudo das aplicações e dos usos das plantas pelo homem) e religiões afro-brasileiras.

Entre os seus livros publicados estão: *Todas as cores na educação*; *O banquete do rei – Olubajé*; *Uma introdução à música sacra afro-brasileira*; *A fogueira de Xangô, o Orixá do fogo*; *A galinha d'Angola: iniciação à cultura afro-brasileira*; *Na minha casa*; *Uso litúrgico e terapêutico dos vegetais nas casas de candomblé Jêje-Nagô e O segredo das folhas – sistema de classificação dos vegetais no candomblé Jêje-Nagô do Brasil*.

> ESPECIAL

Conselho Universitário aprova alteração no Estatuto

Por 48 votos a favor, uma abstenção e 10 votos contra, o plenário do Conselho Universitário, reunido em sessão extraordinária, aprovou no dia 15 de junho de 2011 o Relato da Comissão Permanente de Legislação e Normas sobre o Processo 5248/2011, que institui na UERJ a possibilidade da reeleição – em dois mandatos consecutivos – para os cargos de Reitor, Vice-Reitor, diretores de Centros Setoriais, de diretores e vice-diretores de unidades acadêmicas e do Hospital Universitário, de diretor do Cepuerj e de diretor da Rede Sirius. Em seguida à aprovação da emenda ao Estatuto, o Reitor Ricardo Vieiralves fez um pronunciamento, cuja transcrição o Em Questão reproduz a seguir.

Senhores,

Existe reeleição na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E a possibilidade de reeleição não significa a minha candidatura – candidaturas a Reitor desta Universidade ou outra candidatura qualquer é construída em movimento político coletivo. Não considero uma candidatura como ato exclusivo da vontade individual, mas uma condição de apoio social e comunitário. Quanto a isso, o tempo, esta comunidade e os meus pares é que vão decidir os caminhos a serem seguidos.

Ouvi muita coisa no período que antecedeu a votação e acho que fazemos algumas confusões aqui dentro que não deveriam ser feitas. A Universidade não é igual à sociedade civil. Esta, quando elege um governante, permite que ele entre no governo e governe exclusivamente com os seus (...) e depois vá embora. Acaba o seu mandato e ele se reelege ou vai embora. Na Universidade não: o Reitor fica, retorna às suas atividades normais. Ele não governa só com os seus porque todos os processos aqui, ou quase todos, são eletivos. As nomeações são realizadas, inclusive algumas de natureza mais política e outras técnicas. Há vários servidores técnico-administrativos, várias pessoas, que atravessam gestões aqui nas suas funções. Pensar na Universidade como se pensa na sociedade civil é trazer para a Universidade um problema que não é seu, é trazer para a Universidade uma instância de organização política que é completamente distinta daquela que fazemos. Mais ainda: os eleitores dessa casa não só elegem o seu governante, os seus dirigentes, como ficam na Universidade acompanhando, supervisionando e pressionando permanentemente. É processo completamente distinto da organização da sociedade civil, onde o grau de pressão dos eleitores passa a ser exclu-

sivamente uma pressão representativa. Eu tenho que andar pelos corredores, eu tenho que conversar com as pessoas. E as pessoas me dizem coisas o tempo todo, reclamam, sugerem, propõem, porque assim é em um ambiente universitário.

O quê nos traz a reeleição? Ela nos traz um processo de avaliação de gestão. Ela nos permite a condução de um processo contínuo do qual há, durante um determinado intervalo, uma avaliação (caso o dirigente queira). Essa avaliação é feita sob a possibilidade ou não de candidatura. Se a sua gestão é má avaliada, provavelmente essa pessoa não se candidatará. Ela mesma tem as condições de avaliação da sua performance, as avaliações do seu discurso, e a comunidade vai dizer sim ou não. Ela cria um ambiente de mais pacificação.

Eu quero falar a vocês dessa experiência (e eu tenho muitos anos de UERJ): precisamos trazer para esta Universidade outra espécie de ambiência que não é a da luta fratricida da sociedade civil. Para governar ou atuar nesta Universidade, há que se constituir durante o tempo todo condições de governabilidade e não adianta cada um montar sua tropa de choque. A governabilidade não se dá na composição do governo: a governabilidade desta instituição só se dá exclusivamente na escuta dos interesses coletivos e não de outra forma.

Eu adotei uma postura como Reitor, e todos vocês são testemunhas disso, de nenhuma espécie de discriminação na ação de governo. Nomeei pessoas que participaram de gestões anteriores, das quais até fui oposição no decorrer da campanha. Mas não oposição àquelas pessoas, às quais todas ou quase todas, que com honrosas exceções como qualquer instituição tem, considero inteiramente dignas e dedicadas a esta instituição. Em todo momento,



inclusive em atos públicos, fiz questão de reverenciar e de tratar com a máxima dignidade o ex-Reitor desta Universidade. Por que sei da sua dedicação, da sua responsabilidade e da sua ação em todo o exercício. As conjunturas são muito difíceis e ser Reitor de uma casa como esta não é fácil. Eu fiquei ouvindo referências a benefícios pessoais. Eu tenho o cargo em comissão mais baixo de todo o estado do Rio de Janeiro. O reitor da Uerj, uma instituição com menos de 2.000 mil estudantes, ganha quatro vezes o que eu ganho como cargo em comissão. Os diretores de Centro, um assessor da reitoria da UERJ, ganha cinco ou seis vezes menos de cargo em comissão. Ou seja: é benefício pessoal de absolutamente nada.

Sobre o uso da máquina pública para aumentar a carga horária docente: usar a máquina pública para resolver problemas de laboratórios; usar a máquina pública para a construção de prédios e para a solução de problemas estruturais infinitos e históricos nesta Universidade; usar a máquina pública para corrigir injustiças cometidas durante décadas; usar a máquina pública para aten-

der aos interesses desta Universidade – que bom que a máquina pública esta sendo utilizada! Que bom! A máquina pública utilizada para criar o benefício corporativo institucional é o bom uso da máquina pública. E vocês acham, realmente, depois de mais de 30 anos nesta Universidade, vivendo e convivendo com várias ações e grupos, que eu tenho a pretensão, a vaidade, o orgulho, a sem-vergonhice, de achar que eu compro consciência de qualquer um de vocês? Eu estou em uma Universidade de pessoas pensantes, eu não estou em uma instituição de escravos e manipulados – e esta é a minha fé nesta casa.

Tenho dito em todos os lugares do meu orgulho de fazer parte desta casa. Eu tenho dito isso aos meus companheiros de Nova Friburgo, que passaram e estão vivendo uma situação muito difícil, numa cidade absolutamente destruída. Estamos lá recompondo as coisas, mas os meus companheiros de Nova Friburgo, os meus colegas professores, se fazem pressão é para trabalhar mais, para se engajar mais, para não permitir que aquela

Estaduto da Universidade instituindo a reeleição

cidade se decomponha, com base em um compromisso político-social com aquela população ímpar. Eu tenho dito que tenho orgulho da “invasão” do professor Ivan Mathias, que quando foi assassinado o nosso estudante Luiz Paulo na frente do Pedro Ernesto, quando a polícia cercou o Hospital Universitário, o professor Ivan Mathias, como um homem de coragem e um herói desta casa, pulou o muro para ir para dentro do centro cirúrgico operar os colegas e os estudantes que haviam sido baleados. Essa invasão do professor Ivan Mathias, heróica, é o meu orgulho de pertencer a esta casa. O homem, hoje emérito de 70 anos de idade, que não pára de trabalhar e que continua operando – eu tenho orgulho! Tratei disso quando falei para a professora Maria Eugênia e para os seus professores nos 50 anos da Faculdade de Engenharia e também em Nova Friburgo, para os nossos professores usando a camiseta da Engenharia da UERJ, que estavam lá defendendo a população e fazendo um levantamento da área de risco; eu tenho orgulho desta casa que foi a primeira a fazer as reformas democráticas em todas as instituições e universidades do país.

Tenho orgulho desta casa na qual não há Reitor que abaixe a cabeça para os sindicatos – uma negociação sempre dura e difícil como deve ser em que ninguém consegue abaixar a cabeça de ninguém. Eu tenho orgulho desta casa que promoveu a reforma da Saúde e organizou o SUS. Eu tenho orgulho de Loyelo, titular da Psiquiatria, de quem tive prazer de ter sido aluno, um dos grandes homens e intelectuais que esta casa criou; tenho orgulho de Jurandir Freire; de tantos professores, de tantas pessoas com dignidade. Tenho orgulho dessa casa que teve a coragem de estabelecer e organizar pela primeira vez o sistema de cotas no Brasil e fez com que eu, numa universidade espanhola, fosse comemorar o recebimento de um prêmio para o melhor aluno estrangeiro de todo o ano, entre 700 estudantes de vários países, que era um estudante cotista. Essa é minha casa, esse é o meu orgulho! Já disse que não faço marxismo mecanicista. A condição política se dá em um processo e ela vai ser ou não construída. Eu não lanço minha candidatura

em hipótese alguma porque ela não é um ato de vontade individual. Ela só acontecerá se for um ato de vontade coletiva.

Muitas vezes vamos nos unir. Muitas vezes não vai se criar consenso de 100%, assim é a vida da Universidade. Esperar fortemente por uma opinião da qual se crie um consenso infinito, um debate infinito, nunca vai chegar a decisão nenhuma. Às vezes a maioria prevalecerá sobre a minoria, outras vezes não haverá maioria nem minoria: haverá a posição unitária, a posição do acordo, a posição possível. Em alguns temas não é possível acordo, é claro que não! São opiniões distintas, legítimas, justas, absolutamente dignas – ou temos a tradição do casuísmo, porque essa argumentação é muito açodada, muito em cima da hora. É verdade. Mas nós fizemos isso desde o primeiro processo eleitoral: todas as resoluções para as eleições desta Universidade foram aprovadas no ano das eleições para os cargos das Unidades. Algumas até mais tardias, em agosto ou setembro, quase às vésperas do processo eleitoral – e muitas delas fizeram modificações tão importantes ou tão precisas como esta. Ao final do primeiro processo eleitoral do Reitor Ivo Barbieri, quando se elegeu o Reitor Hésio de Albuquerque Cordeiro, nós alteramos a resolução instituindo o segundo turno. Isso mudava radicalmente a concepção da eleição. Se vocês observarem, todas as resoluções ou colégios eleitorais foram alterados a cada ano, a cada resolução e todos os anos, sempre. Vamos parar de conversa fiada: sempre fizemos assim porque a condição do debate é agora, não é antes. Porque, se antes, criáramos um problema grave para a governabilidade da instituição e todos nós, maduramente, adiamos esta discussão para o processo final. É assim que somos. Não vamos ficar apelando para a sociedade civil, não vamos imitar e nos basear em um espelho, de que somos iguais a um governo de estado. Nós não somos: o Governador, quando termina o seu mandato, sai da máquina. O Reitor, quando termina o seu mandato, volta para a sala de aula. Esta é a diferença radical.

RELATO DA COMISSÃO PERMANENTE DE LEGISLAÇÃO E NORMAS SOBRE O PROCESSO 5248/2011, QUE ENCAMINHA MINUTA DE RESOLUÇÃO.

DO OBJETO

Processo 5248/2011

DO CONTEÚDO

Projeto de Resolução que altera o Estatuto da UERJ (Lei 1318, de 10 de junho de 1988), estabelecendo a possibilidade do exercício de dois mandatos consecutivos para os cargos de Reitor, de Vice-Reitor, de Diretores de Centros Setoriais, de Diretores e Vice-Diretores de Unidades Acadêmicas e do HUPE, de Diretor do CEPUERJ e de Diretor da Rede Sirius.

A Resolução é composta de dois artigos. O primeiro estabelece a possibilidade de dois mandatos consecutivos para os cargos citados acima. O primeiro parágrafo do Artigo 1º veda o exercício do terceiro mandato e o segundo parágrafo permite aos atuais ocupantes dos cargos se candidatarem, em consonância com as normas eleitorais estabelecidas pelas Resoluções 02/2007 e 03/2007.

O encaminhamento da minuta acata o estabelecido pelo Regimento do Conselho Universitário, em seu Art. 6º, § 1º: “As decisões que impliquem em alterações do Estatuto ou Regimento Geral só poderão ser tomadas em reuniões extraordinárias...”.

A solicitação vem firmada por vinte e nove conselheiros, que assinam o seu encaminhamento.

Passo ao RELATO

Constato inicialmente inexistência de qualquer impedimento legal ao conteúdo da Resolução, invocando ainda o fato de não ser esta a primeira vez que alterações estatutárias são realizadas pelo Conselho Universitário.

Sustento este relato em cinco afirmações fundamentais, que apresento em ordem decrescente de abrangência:

1º) A alegação do princípio maior da simetria entre os institutos jurídicos federais e estaduais. Além da existência da possibilidade de reeleição para os governos federal e estadual, as universidades federais já abrigam em sua ordenação legal esta possibilidade.

2º) O fato de que a assunção de dois mandatos consecutivos já existe em várias esferas da UERJ: as Chefias de Departamento, onde é “admitida a recondução sucessiva imediata uma única vez” (Resolução nº 546/88) e os membros dos Conselhos Superiores (Estatuto da UERJ, Art. 10, § 1º; Art. 13, § 1º), por exemplo.

3º) A possibilidade de exercício de dois mandatos consecutivos permite o prosseguimento do desenvolvimento de projetos de valor acadêmico e político para a Universidade, que em caso contrário poderiam ser obstaculizados ou impedidos.

4º) A matéria em nada obstrui a manutenção de um dos maiores avanços democráticos obtidos pela UERJ: a possibilidade de eleições livres e democráticas para os seus gestores. Não se trata de recondução, expansão de mandato, estabelecimento de mandato temporário por impossibilidade da realização de eleições, por exemplo.

5º) Não se constitui em objetivação de casuísmo, mas sim na garantia democrática de exposição de uma gestão ao sufrágio, avaliando-a da forma mais precisa e imediata. Afinal, nada melhor que reeleição para analisar um mandato.

PARECER

Pelo acima exposto, é favorável à minuta de Resolução apresentada. A reeleição é benéfica à atitude política na democracia, porque leva para a sociedade o poder de escolher o que foi melhor ou o que foi o pior na administração realizada e assim dar ou não continuidade àquele trabalho.

O artigo que veda o terceiro mandato põe termo aos temores de continuísmo e a minuta de resolução dá voz ao direito democrático, até agora negado, daqueles que tiverem vontade e coragem de enfrentar novamente o crivo das urnas.

Aos que se dispuserem à tentativa de reeleição, se o Conselho Universitário o permitir, ficam as palavras do maravilhoso poeta uruguaio Mário Benedetti:

*Não te rendas
Não te rendas, ainda estás a tempo
De alcançar e começar de novo,
Aceitar as tuas sombras,
Enterrar os teus medos,
Libertar o lastro,
Retomar o voo.
Não te rendas que a vida é isso,
Continuar a viagem
Perseguir os teus sonhos,
Destruir o tempo,
Remover os escombros,
e destapar o céu.*

Eloiza da Silva Gomes de Oliveira
Relatora

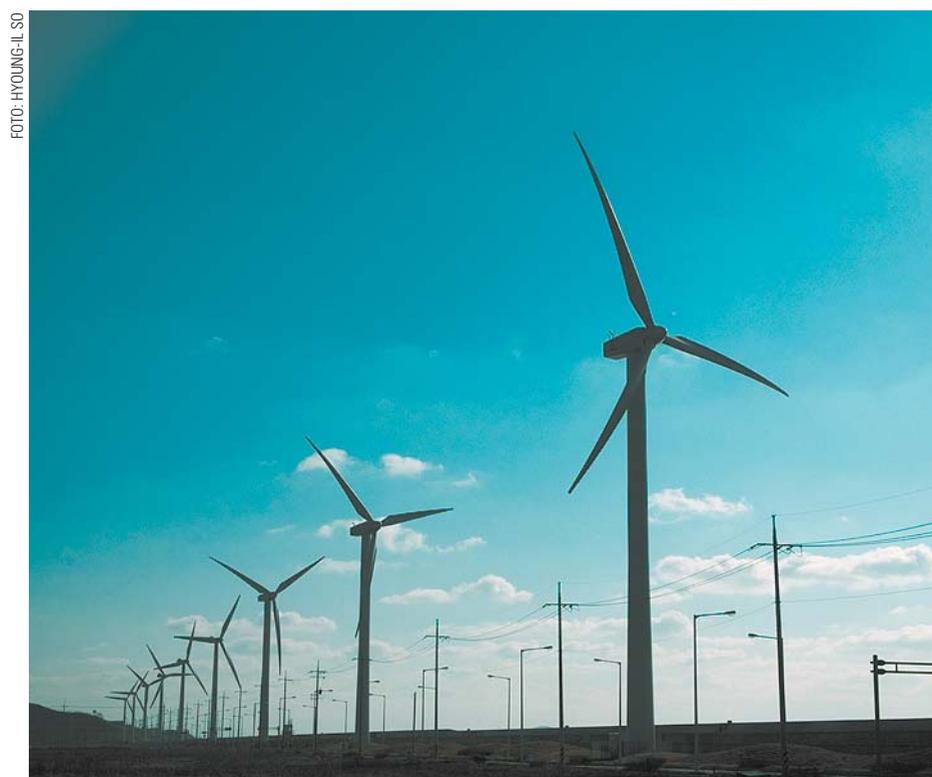
Pesquisa

Estudos da UERJ testam fontes alternativas de energia elétrica – como a eólica, a solar e a de correnteza dos rios

Energias renováveis são aquelas cujos recursos naturais são capazes de se regenerar. Suas formas de obtenção variam, podendo ocorrer, por exemplo, por meio do sol (a energia solar) ou dos ventos (a energia eólica, resultado da energia cinética dos ventos cuja transformação se dá por meio de geradores elétricos constituídos de mastro, turbina e pás). Por isso, desenvolvimento sustentável, preservação do meio ambiente e formas de redução do aquecimento global têm sido temas recorrentes entre especialistas de campos distintos do conhecimento. Mais recentemente, a utilização de fontes de energias renováveis ganhou impulso com o vazamento radioativo ocorrido na central nuclear de Fukushima, no Japão, depois do terremoto seguido de tsunami que atingiu aquele país em março deste ano. Dentro dessa conjuntura, a Alemanha anunciou em maio que irá encerrar as atividades de todas as suas usinas nucleares até 2022.

Comparada à de outros países, a situação do Brasil é confortável no que se refere à utilização de fontes renováveis para produção de eletricidade porque, aqui, boa parte da geração de energia elétrica é feita por fontes renováveis, que não agredem o meio ambiente, enquanto “no resto do mundo predomina a geração por meio de carvão e gás natural (usinas termelétricas) ou por usinas termonucleares”, explica o chefe do departamento de Engenharia Mecânica, professor Manoel Antonio da Fonseca Costa Filho. O Balanço Energético Nacional 2010 (ano base 2009) da Empresa de Pesquisa Energética, vinculada ao Ministério de Minas e Energia, mostra que o Brasil apresenta uma matriz de geração de energia de origem predominantemente renovável. Aproximadamente 85% da eletricidade têm origem em fontes renováveis, levando em conta as importações que também têm, na essência, origem semelhante.

Segundo a coordenadora do Laboratório de Energia Eólica da UERJ, professora Mila Rosendal Avelino, para que esse recurso natural seja melhor aproveitado



deve-se conhecer os locais onde os parques eólicos podem ser instalados para tentar minimizar o aspecto desconhecido: a direção dos ventos. No Brasil, essas usinas geralmente estão instaladas nas regiões costeiras, onde os aerogeradores conseguem aproveitar melhor o vento prioritário. Entre os inconvenientes na utilização dos aerogeradores, porém, es-

tão a poluição sonora, o impacto visual e o fato de os locais de instalação poderem coincidir com as rotas das aves migratórias. A professora Mila entende que essas questões são “secundárias” se forem considerados os benefícios gerados pelo sistema: a energia eólica é limpa, barata e a extensão territorial do Brasil facilita a instalação dessas usinas.

Outra fonte de energia renovável e não poluidora é a solar, convertida em energia elétrica por meio de painéis fotovoltaicos. O semi-árido é a região brasileira onde há maior captação desse tipo de energia, devido à baixa nebulosidade. É o mesmo caso da Espanha, cujo potencial de utilização da energia solar é grande por estar localizada em região com baixa incidência de chuva. Uma desvantagem do fotovoltaico é o custo inicial de instalação, porque o retorno financeiro não vem antes de 20 anos de utilização do painel. Mas por outro lado, explica o professor Manoel Costa Filho, a vantagem está na sua confiabilidade, que é a “ininterrupção no fornecimento de energia. Para operadoras de cartão de crédito, bancos, sistemas de *backup* e hospitais essa é uma boa opção”. No caso brasileiro, esse sistema está sendo utilizado basicamente para atender comunidades carentes isoladas, sem rede elétrica. Algumas localidades de Angra dos Reis e Paraty, no estado do Rio, utilizam esse sistema. Mas países como os Estados Unidos, o Japão e alguns europeus, investem no setor, possuem centrais de geração de energia elétrica estão adiantados em pesquisas na área.

A tecnologia para conversão da energia solar em energia térmica utilizada para o aquecimento de água por meio de coletores solares é o setor com maior competitividade no mercado nacional, com certificação concedida pelo Inmetro. A sua viabilidade econômica deve-se ao retorno do investimento em três anos, na média, variando com o consumo de água quente. Tal sistema é utilizado em países como Espanha, Israel, Portugal, Austrália, Estados Unidos, Índia e China.

O Programa de Incentivo às Fontes Alternativas de Energia Elétrica (Proinfa), do Ministério das Minas e Energia, investe principalmente na produção de energia eólica, de biomassa e de pequenas centrais hidrelétricas. Instituído em 2004, o seu objetivo é promover a diversificação da matriz energética. Outro incentivo governamental para a geração de

energia por fontes renováveis é o Programa de Subvenção Econômica da FINEP, empresa vinculada ao Ministério de Ciência e Tecnologia. Lançado em 2006, está voltado para a promoção de atividades de inovação e o incremento da competitividade das empresas. Com esses incentivos, a tecnologia vence um dos obstáculos para o seu desenvolvimento, que é o aspecto cultural.

Pesquisas & produtos

Na UERJ, o Laboratório de Energia Eólica desenvolveu em três anos um aerogerador de 5kw, financiado pela Finep, por uma empresa do setor e pelo Centro Brasileiro de Energia Eólica. Denominado GRW5000, o projeto foi concluído em 2007 e já está sendo comercializado. O mesmo laboratório investe agora, com o apoio do CNPq, em estudos de materiais resistentes para as pás de aerogeradores. Na área de energia solar há estudos para conhecer a dinâmica do painel fotovoltaico por meio de monitoramento, para compreender o seu funcionamento em condições tropicais, já que originalmente foi produzido para climas frios.

Na Universidade também são desenvolvidas pesquisas sobre energia solar térmica. Uma que está em andamento com financiamento da Finep estuda sistemas centralizados de aquecimento solar de água para uso em hotéis, pousadas, clubes, flats e resorts. Outra linha de pesquisa que avança na UERJ é a dos estudos de produção de energia a partir da correnteza dos rios. O laboratório de energia eólica trabalha com pesquisas na construção de turbinas hidrocinéticas nos leitos dos rios, usando tecnologia muito semelhante à das turbinas eólicas. Esse tipo de tecnologia tem como fun-

ção gerar energia elétrica por meio da vazão do rio, não sendo necessária a construção de barragens. Para que haja a possibilidade de produção energia por meio de correntes, o local deve ser analisado a fim de descobrir se o escoamento de água existente tem velocidade suficiente para a conversão em energia, que na maioria dos casos precisa estar acima de três metros por segundo.

Biogás

Como parte do conhecimento gerado por estudantes do setor, foi lançado em maio na livraria do campus Maracanã o livro *Biogás de Lixo em Aterros Sanitários – uma análise de viabilidade técnica e econômica do seu aproveitamento energético*, resultado da dissertação de mestrado de Fábio de Abreu, concluída em 2009 na área de termociências e energia renovável, do Departamento de Engenharia Mecânica da UERJ. Sob a orientação do professor Manoel Costa Filho, o trabalho é um estudo de caso sobre o aterro sanitário de Gramacho, o maior do estado. “Atualmente 80% dos resíduos sólidos urbanos da cidade do Rio de Janeiro têm como destino esse aterro. Além disso, Gramacho também recebe lixo de outras cidades da região metropolitana” diz Fábio.

O autor trata da viabilidade de geração de energia utilizando o biogás do aterro e a possibilidade de aproveitá-lo para servir como fonte de energia para as caldeiras de indústrias.

O livro também mostra como podem ser calculadas as viabilidades técnica e econômica de outros aterros sanitários em todo o Brasil utilizando para isso a mesma metodologia e esquematização nele apresentadas.

EdUERJ

Lançamentos da Editora

MANUAL PRÁTICO DE FUNÇÕES DE GREEN EM FÍSICA DA MATÉRIA CONDENSADA

Ivan C. da Cunha Lima

Sem abrir mão do rigor matemático, o objetivo deste manual é servir como guia de aprendizagem – rápido e objetivo. In-

sere o leitor diretamente no problema e o auxilia no domínio da chamada diagramática, regras simples de construção

das famílias de diagramas que representam os termos do desenvolvimento perturbativo das funções de *green*.



SOBRE CARL SAUER

Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl (org.)

O 20º volume da coleção *Geografia Cultural* apresenta o pensamento de um dos ícones da geografia cultural norte-americana da primeira metade do século XX, cuja obra é ainda pouco co-

nhecida entre os geógrafos brasileiros. Carl Sauer foi o fundador da Escola de Berkeley (Califórnia, EUA) e defendia os estudos geográficos relacionados a outras ciências, como antropologia, sociolo-

gia e história. Por meio dos cinco artigos que compõem este livro é possível identificar as principais ideias do autor e a sua importância para os estudos contemporâneos da geografia cultural.



PSICOLOGIA SOCIAL: DIÁLOGOS EM NOVAS FRONTEIRAS

Ana Maria Jacó-Vilela e Almir Ferreira da Silva Júnior (org.)

O livro resulta de pesquisas realizadas por alunos do Programa de Doutorado Interinstitucional Novas Fronteiras (DINTER NF), criado pela Capes

para viabilizar a formação de doutores vinculados a universidades das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Esta coletânea, produto da parceria entre a

UERJ e a Universidade Federal do Maranhão, reúne textos que valorizam a articulação de temas e referências teóricas entre as duas instituições.



MATEMÁTICA BÁSICA PARA MECÂNICA DOS MEIOS CONTÍNUOS – UM TEXTO PARA ENGENHEIROS

Rogério Martins Saldanha da Gama

Como destaca o próprio autor na apresentação da obra, ela é destinada principalmente aos graduados em Engenharia. Seu objetivo é preencher algumas lacunas dos

cursos de graduação no que diz respeito à compreensão e à leitura da mecânica dos contínuos. Baseado na sua experiência em curso de pós-graduação (mestrado e dou-

torado), o professor agrega vários exercícios com cálculos operacionais que facilitam o aprimoramento de alunos que pretendam cursar especialização nessa área.



LITERATURA COMO OBJETO DO DESEJO

Claudio Cezar Henriques

Esta é a segunda edição – renomeada, ampliada, reorganizada e revista – de livro com caráter interdisciplinar. Traz reflexões teóricas e crítica e combate um possível isolamento acadêmico que a divisão de algumas áreas

em subáreas pode às vezes acarretar. Nesse sentido, o livro aborda a Literatura como objeto submetido a diferentes perspectivas, trabalhando no limite entre filologia, gramática, linguística, teoria da literatura, literatu-

ra brasileira, literatura portuguesa e literatura comparada. Para tanto, o autor privilegia algumas questões, como o discurso da crítica literária, a noção de clássico e a percepção da literatura pela gramática.



Universidade se alia às comemorações do Ano Internacional da Química

Ao identificarem 2011 como o Ano Internacional da Química, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), e a União Internacional de Química Pura e Aplicada (IUPAC na sigla em inglês), lançaram campanha mundial com o tema “A Química para um mundo melhor”, cuja finalidade é celebrar as contribuições do campo para o bem-estar da sociedade. A partir desse tema, professores e alunos do Instituto de Química da UERJ estão programando para o segundo semestre de 2011 atividades que demonstrem às comunidades interna e externa os benefícios que a química traz para a vida das pessoas.

“O Ano Internacional da Química tem importância fundamental no Brasil ao contribuir para a desmistificação em relação à química e aos produtos químicos em geral”, diz o diretor do Instituto, professor Fernando Altino Rodrigues. Ele comenta que o termo acabou tornando-se pejorativo para a maioria das pessoas, “criando um entendimento de que a atividade e o produto químico são elementos negativos. Muitas vezes observamos uma mãe dizendo ao filho para não comer algo porque contém muita ‘química’ – sem sequer imaginar como a química está presente em todo nosso cotidiano”.

O vice-diretor do IQ, professor Marco Antônio da Costa, reforça que o conjunto das benfeitorias da química e não a ‘química vilã’ será um dos principais elementos do evento de 2011: “Praticamente tudo tem química, não existe produto sem moléculas, átomos e íons. Vemos propagandas defendendo que tal produto é melhor porque não contém ‘química’. Não sei como isso é possível. Tudo na vida é química!”. Ela

FOTO: KAREN CÂNDIDO



Laboratório de Química Orgânica, utilizado para aulas experimentais da graduação e da pós-graduação

está presente nas roupas, na informática, nos materiais mobiliários e em medicamentos, por exemplo. O ex-diretor do Instituto, professor Antonio Fernando Rodrigues, acrescenta que a indústria de medicamentos só existe em função da química: “Os fármacos são moléculas sintetizadas por químicos. Não é apenas o médico que cura, mas sim o uso da ‘química’, o remédio que ingerimos”.

A programação da Semana da Química, em fase de finalização, será constituída por palestras, minicursos e oficinas. “Pretendemos tratar da presença da química nos esportes, por exemplo, desde o material utilizado para a confecção da bola de futebol até aquele usado na vara de atletismo; assim como a química na alimentação, na construção civil e nos plásticos”, informa o diretor do Instituto. As palestras e os minicursos serão ministrados por profissionais do mercado, muitos deles ex-alunos da UERJ. Altino explica que essa participação é importante para o aluno conse-

guir se projetar no futuro, com base no conhecimento apresentado por profissionais bem sucedidos.

Marie Skodowska Curie

A escolha de 2011 como Ano Internacional da Química está diretamente ligada à comemoração do centenário do Prêmio Nobel recebido pela cientista polonesa Marie Skodowska Curie – não apenas a primeira mulher a receber um Nobel como a única a receber o prêmio internacional duas vezes na mesma categoria: Ciência. Marie Curie foi condecorada primeiro pela sua contribuição nos estudos sobre radioatividade e mais tarde pela descoberta do Rádio e do Polônio – este último batizado por ela em homenagem à sua terra natal. Seu envolvimento com o objeto de estudo foi tamanho que morreu vítima de leucemia, doença desenvolvida pela excessiva exposição a radiações durante anos de pesquisa científica.

A contribuição da cientista polonesa não se restringiu

ao campo da ciência, pois destacou-se como pesquisadora numa época em que a participação masculina imperava nas universidades. A professora Lílian Senna, do Instituto de Química, destaca que Marie Curie contribuiu para o interesse precoce de muitas mulheres pela área, em comparação a outras disciplinas da área de Exatas: “Podemos afirmar que se ela não tivesse dado o pontapé, o interesse feminino pelos cursos de Química e de Engenharia Química provavelmente não teria acontecido ou aconteceria tardiamente. Ela teve a possibilidade de, na sua época, estar à frente em termo de presença feminina e de pesquisa. Hoje existe a tendência de as mulheres gostarem da área de Química porque é uma maneira de unificar o conhecimento científico com o conhecimento intuitivo, próprio do universo feminino”, comenta a professora.

O diretor Fernando Altino complementa que a maior contribuição de Marie Curie

foi estabelecer o modelo da estrutura da matéria por meio de seus estudos com a radioatividade. “A partir desse entendimento, a evolução da Química teve um crescimento exponencial. Hoje, quando estudamos uma reação química, criamos modelos para entendermos aquela reação, os produtos e os subprodutos que se formam. Esses modelos nos permitem aperfeiçoar processos de fabricação e de purificação dos mesmos. Tudo que fazemos se deve aos estudos desenvolvidos por pesquisadores como Marie Curie.”

A UERJ tem um motivo adicional para comemorar o Ano Internacional: seu patrono é o químico José Bonifácio, criador do primeiro laboratório de química da Universidade de Coimbra e membro da Academia Sueca de Ciências. Caracterizou três ou quatro minerais importantes, um deles onde se descobriu o Lítio.

Com dois cursos de graduação e licenciatura – Química e Engenharia Química – a área é a quarta carreira na relação candidato/vaga do vestibular da UERJ. Na última avaliação do Exame Nacional do Ensino Superior (Enade) o curso de Química obteve a melhor classificação entre os cursos da instituição e foi o único a atingir nota máxima na cidade do Rio de Janeiro. Por iniciativa do Reitor Ricardo Veivalves, em função das condições atuais do mercado de trabalho no Brasil, também está em discussão o projeto para implementação de um terceiro curso na Universidade: o de Química de Petróleo. A essas ações deve ser acrescentada ainda a possibilidade de o curso de Engenharia Química oferecer pós-graduação em nível de doutorado a partir de 2012.

Censo

Programa inicia mais uma etapa de acompanhamento da saúde dos servidores

Responsável por atividades de ensino e pesquisa cujo objetivo é acompanhar e analisar trajetórias (e qualidade) de vida das pessoas para melhor compreender as suas condições de saúde, o Programa Pró-saúde da UERJ inicia em agosto sua quarta etapa de coleta de dados. Criado em 1998, o projeto une docentes e alunos de várias unidades. Três censos já foram realizados – em 1999, 2001 e 2006. Nessas edições, os participantes responderam a questionário com informações como peso, altura, pressão arterial e medida de cintura. Do universo de dados gerado por mais de 3.000 entrevistas os pesquisadores conseguiram avaliar a ocorrência de alterações na pressão arterial ou de obesidade, dois dos fatores de risco para doenças cardiovasculares (DCVs), identificadas pela Organização Mundial de Saúde como a principal causa de mortalidade global.

De acordo com a OMS a cada ano morrem mais pessoas em decorrência dessas doenças do que de qualquer outra causa e as estimativas apontam que em 2030 quase 23,6 milhões de pessoas irão morrer devido a doenças cardiovasculares. Nesse contexto, o coordenador do programa e professor de Epidemiologia do Instituto de Medicina Social, Eduardo Faerstein, explica que “o projeto busca ter foco justamente em questões relacionadas ao problema emergente de saúde pública. Existe a possibilidade de controlar essa alta taxa de mortalidade atuando nos seus fatores de risco”.

Para que fosse viável acompanhar um grupo grande de pessoas ao longo do tempo, em uma metrópole como a cidade do Rio de Janeiro, o estudo contou com a participação de servidores da

Universidade. Isso possibilitou a realização de um estudo longitudinal, com acompanhamento prospectivo ao longo dos anos. Como diz Faerstein, “em geral as pesquisas tiram retratos das pessoas, mas nossa intenção sempre foi fazer um filme. Além disso, a proposta passava por contribuir para a promoção da saúde dos funcionários da UERJ, uma motivação adicional”.

O Pró-Saúde 2011-2012 estima a realização de cerca de 4.000 entrevistas e exames. A participação é voluntária: “vamos enviar cartas solicitando aos participantes dos anos anteriores adesão ao projeto mais uma vez para complementar as informações colhidas nos outros anos”, explica o professor.

Os funcionários que se aposentaram ou se afastaram por motivos de saúde também terão a possibilidade de participar desta edição do censo. A UERJ vai disponibilizar viaturas para as visitas domiciliares no caso daqueles que não puderem se deslocar até a Universidade. Os participantes forneceram informações importantes e há muito interesse em saber como evoluiu a situação de saúde de cada um ao longo dos anos.

Com a participação no projeto, os entrevistados recebem um cartão de medidas e em casos de alteração na pressão arterial são

orientados a contatar o departamento de Segurança e Saúde no Trabalho (Dessaúde) da UERJ. Para uma amostra de voluntários, será oferecida a possibilidade de fazer exame de sangue para investigar, por exemplo, colesterol alto e diabetes. Esses exames serão realizados pela primeira vez graças a uma parceria com o

trilhão, que permitirá a aferição de indicadores do estado nutricional e de composição corporal em alguns voluntários. “Será possível ver a saúde óssea, a distribuição de gordura corporal que, dependendo do lugar do corpo em que fica acumulada, pode indicar maior incidência de algumas doenças crônicas”, esclarece a professora Josely

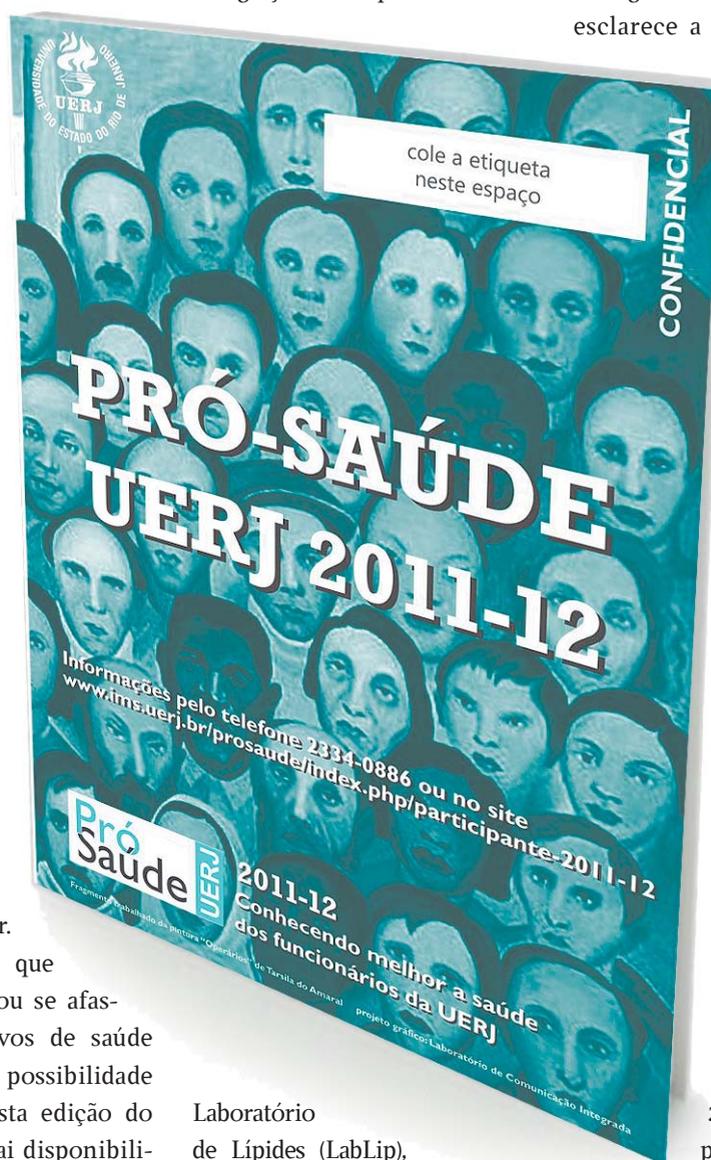
Koury, uma das pesquisadoras do Instituto que participa projeto. “Percebemos que a medida da circunferência da cintura pode ser um método muito direto e simples de identificar pessoas com o risco mais alto de ter hipertensão”, exemplifica o professor Faerstein.

Com a atenção voltada também para pesquisas internacionais em saúde e nos temas emergentes na área de saúde pública e epidemiologia, o Pró-Saúde UERJ 2011-2012 irá incorporar novos temas,

como redes e padrões de relacionamento, para investigar o impacto que isso tem na adoção de comportamentos individuais e em hábitos de saúde. Outro elemento está ligado à privação de sono. Faerstein explica: “Vamos incluir perguntas aos participantes sobre a média de horas de sono num dia típico e tentar entender as consequências que a falta de dormir provoca na saúde das pessoas”.

O projeto, do qual participam alunos de iniciação científica, de mestrado, de doutorado e pós-doutorandos, é financiado pela Faperj, pelo CNPq e pela Capes. Para atuar como pesquisadores de campo estão sendo selecionados 30 recém-formados ou graduandos nas áreas de Educação Física, Nutrição, Serviço Social, Psicologia e Enfermagem, entre outros cursos, que serão supervisionados por investigadores do projeto. Para esta edição do Pró-Saúde UERJ está previsto um ano de trabalho de campo. As bases de coleta de dados vão funcionar primeiro no Hospital Universitário e mais à frente no *campus* Maracanã, em unidades externas e nos *campi* regionais. As entrevistas serão agendadas e todas as bases ficarão localizadas próximas às pessoas, de modo a não atrapalhar a rotina dos voluntários, que estarão autorizados a se afastarem das suas funções por cerca de 45 minutos, que é o tempo previsto de participação.

O coordenador do Pró-Saúde conta que, nas etapas anteriores, muitos voluntários foram alertados sobre a possibilidade de serem portadores de hipertensão. Outros relataram que começaram a pensar melhor sobre sua saúde a partir de perguntas do questionário. “É gratificante para quem é da área saber que o seu projeto de pesquisa teve impacto favorável na vida de alguém”, comenta Faerstein. E encerra: “a expectativa é que a partir da próxima fase, dispondo de dados mais completos, a UERJ possa reforçar várias atividades já existentes e dar impulso a iniciativas que propiciem um ambiente saudável para aqueles que trabalham e passam a maior parte do seu dia no espaço da Universidade”.



Laboratório de Lípidos (LabLip), da Faculdade de Ciências Médicas, que faz exames especializados voltados à pesquisa de doenças cardiovasculares. “Vamos dar suporte na investigação clínica laboratorial e para isso estamos preparados para atender os voluntários da melhor maneira possível”, diz o coordenador do Laboratório, professor José Firmino Nogueira Neto.

Outra parceria iniciada em 2011 foi com o Instituto de Nu-

Extensão

Programa investe há duas décadas na educação indígena

Criado em 1992, durante o evento internacional Rio 92 com o objetivo de promover questões de interesse indígenas, o Programa de Estudos dos Povos Indígenas (Pró-Índio/UERJ) desenvolve desde então diversos projetos voltados para a manutenção da cultura e a formação profissional de índios ao estimular pesquisas e ações pedagógicas que contribuam para redimensionar a temática indígena nas escolas de ensino público e privado. O Programa, inicialmente vinculado à Sub-reitoria de Extensão e Pesquisa, hoje está ligado à Faculdade de Educação.

O livro *Guia de Fontes para a História Indígena e do Indigenismo em Arquivos Brasileiros* foi um dos primeiros frutos do Pró-Índio, realizado a partir de uma proposta da Universidade de São Paulo com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). Sua meta era investigar – e catalogar – toda a documentação manuscrita sobre o índio existente em arquivos das diversas capitais brasileiras. O Pró-Índio participou como convidado para coordenar as pesquisas nos arquivos da cidade do Rio de Janeiro.

De acordo com o criador do Programa, professor José Ribamar Bessa Freire, entre as diversas atividades desenvolvidas desde a sua criação, esta se tornou referência para historiadores de todo o mundo: “Trabalhamos três anos com 12 bolsistas e durante esse tempo vasculhamos 25 grandes arquivos. O Rio se diferencia de outras cidades porque já foi capital do país e mantém os equipamentos culturais de abrangência nacional. O Arquivo Nacional, por exemplo,



As índias Tapixi Guajajara (à esquerda) e Mamyry Guajajara, que vieram do Maranhão para participar de evento na UERJ em maio

permanece aqui e reúne documentação sobre índios de todo o Brasil, por isso o nosso levantamento ocupa quase dois terços do livro”.

A obra é tecnicamente um guia de fontes que indica aos pesquisadores onde encontrar documentação sobre os índios e qual é o tipo de documento. “Este foi nosso primeiro papel: dar visibilidade a essa documentação e estimular historiadores a desenvolver investigações complementares, uma vez que os instrumentos de pesquisa existentes nos diversos arquivos tornavam o índio invisível – porque quem catalogou os documentos não considerou o índio importante”, explica o coordenador.

No levantamento realizado nos 25 arquivos da cidade do Rio os pesquisadores do Pró-Índio descobriram que até o final do século XIX existiam 15 aldeias indígenas no estado. Surgiu, assim, novo projeto

para o Programa, em parceria com o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). “Em uma Kombi da UERJ percorri com seis bolsistas cidades nas regiões do Norte Fluminense e Médio Paraíba, que eram aldeias até o século XIX, examinando documentos em acervos paroquiais, cartoriais e municipais”, relata Bessa. As informações acumuladas transformaram-se no segundo volume produzido pelo grupo – o livro paradigmático *Aldeamentos Indígenas do Rio de Janeiro*, agora em sua segunda edição. Com a entrada em vigor em março de 2008 da Lei 11.645 – que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e tornou obrigatórias em sala de aula as temáticas indígena e afro-brasileira – a Prefeitura do Rio, em cumprimento à legislação, comprou cerca de 1.000 exemplares do livro para distribuição nas escolas municipais.

Além disso, *Aldeamentos Indígenas do Rio de Janeiro* deu origem a outro projeto do Pró-Índio, “A imagem do índio na escola”. Desde 1997, data da primeira edição do livro, o Programa habilita professores no tratamento do universo indígena em cursos para educadores solicitados pela prefeitura e pelo governo do estado do Rio. “Como os professores não tinham material didático nem conhecimento suficiente a respeito dos índios, a UERJ cumpriu com muito orgulho esse papel realizando oficinas nos municípios do Rio, Japeri, Angra dos Reis e Paraty”, explica o coordenador do Programa. Desde então, o principal trabalho do Pró-Índio é capacitar, formar e atualizar professores da rede pública sobre a temática indígena, ajudando simultaneamente na elaboração de material didático. Para Valéria Luz, pesquisadora do Programa, “a escola contribui para

que as relações sociais entre os alunos índios e os não-índios sejam de respeito e de reconhecimento da alteridade, estimulando a conhecer e a valorizar, além de sua cultura, também a do outro”.

O Programa integrou ainda a equipe que capacitou índios da etnia guarani para trabalhar como professores de nível médio em suas próprias tribos, em projeto desenvolvido pelo Ministério da Educação juntamente com as secretarias de educação dos estados do Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Espírito Santo e Rio de Janeiro. Realizado entre 2003 e 2010, desenvolveu com um currículo específico, já que os professores, ao atuar em uma escola bilingue e intercultural, baseiam-se em elementos da cultura tradicional dos guaranis e da cultura nacional que os índios precisam para sobreviver e com a qual estão interagindo.

Educação e saúde

A saúde dos indígenas tem sido outra área de atuação dos integrantes do Pró-Índio. Na época da contratação de agentes de saúde para trabalharem em aldeias indígenas, a Fundação Nacional de Saúde (Funasa) exigia que esses profissionais tivessem, pelo menos, o nível fundamental. Como os índios não tinham essa formação, a Funasa decidiu contratar não indígenas. A iniciativa não deu certo porque os integrantes das tribos demandaram profissionais fluentes na língua guarani para poder interagir com a comunidade. Dessa forma, o Programa Pró-Índio da UERJ, junto com a Universidade Federal Fluminense e com apoio da Funasa, da Fundação Nacional do Índio (Funai) e da Secretaria de Saúde de An-

gra dos Reis, ministraram o curso *EJA – Nhembo'e Texui Regware: Educação de Jovens e Adultos*, com formação de nível fundamental para os indígenas. Uma nova turma está prevista para agosto de 2011. Segundo o departamento de saúde indígena, do Ministério da Saúde, existem atualmente 751 postos em regiões indígenas de todo o Brasil.

Sustentabilidade e preservação

Em busca da sustentabilidade econômica dos indígenas e sua preservação cultural, o Pró-Índio/UERJ desenvolve ainda dois projetos (Arte Guarani e Oficina de Papel Artesanal Nhandé Kuaxia), cujo objetivo é gerar renda e, assim, melhorar a qualidade de vida nas comunidades. No primeiro, indígenas produzem artesanato com recursos naturais para comercialização e no segundo, a oficina é uma resposta à aspiração de guaranis que vivem na cidade do Rio de Janeiro por capacitação em atividades que possam inseri-los no mercado de trabalho. As oficinas de aplicação da técnica artística na elaboração de papel artesanal para comercialização, além de transformarem a produção cultural em atividade econômica, geram renda para os participantes e preservam expressões de sua cultura tradicional.

Demografia e inserção

Dados preliminares divulgados pelo IBGE mostram que, no Censo Demográfico de 2010, quase 818 mil pessoas se declararam indígenas, número que representa um crescimento de 11% em relação ao Censo de 2000. Segundo a Fundação Nacional do Índio, o Brasil possui atualmente 215 sociedades indígenas e cerca de 55 grupos de índios que vivem iso-

lados, sobre os quais ainda não existem informações objetivas. Essas comunidades pertencem a mais de 30 famílias linguísticas diferentes, nas quais são faladas cerca de 180 línguas.

Como parte dos projetos de inserção das questões indígenas na Universidade, o Programa de Estudos e Pesquisas das Religiões da UERJ, em parceria com o Programa Pró-Índio/UERJ realizaram em maio o evento Tributo ao Indígena Brasileiro – História, Cultura e Contribuições. Para a coordenadora executiva do Proeper e do evento, esse fórum permitiu a troca de experiências entre a academia e as práticas indígenas. Telma Gama entende que “devemos aprender com os índios como conviver com a natureza, com tribos diferentes e com a sociedade atual. E se é a academia que prepara o homem do amanhã, esse homem deve ter todo o conhecimento possível.” E acrescenta: “apesar da imposição cultural ocidental, a cultura indígena está profundamente inserida na formação nacional brasileira, é considerada um dos ícones da nossa cultura, da qual muito nos orgulhamos”.

Para os representantes de várias etnias que participaram do Tributo, o encontro foi muito importante. O índio Carlos Tukano, do Centro de Etnoconhecimento Sócio-ambiental Cauré, reconhece que assim estão “conquistando espaço nas instituições. Viemos buscar intercâmbio na UERJ e apresentar para a sociedade a situação de nossas tribos. Não podemos mais ficar enclausurados nas reservas. A universidade está sempre auxiliando na formação de indígenas, inclusive com cursos profissionalizantes”.

Congresso internacional vai debater a pesquisa em psicanálise na Universidade

A UERJ sedia entre 29 e 31 de agosto o 1º Congresso Latino-Americano de Psicanálise na Universidade (Conlapsa). O evento acontecerá em paralelo com o VII Simpósio de Pós-graduação em Psicanálise da UERJ, organizado pelo Programa de Pós-graduação em Psicanálise com a colaboração de docentes da Universidade de Buenos Aires. “Em outros encontros com professores de países latino-americanos fomos estabelecendo laços de pesquisa e trocas teóricas. Em 2010 recebemos na Universidade a psicanalista Diana Rabinovich, professora da Universidad de Buenos Aires, que participou da comemoração dos dez anos do Programa em Psicanálise da UERJ. A partir desta visita percebemos o quanto seria importante um encontro dos psicanalistas que ensinam nas universidades e, juntos, nos propusemos a realizá-lo”, explica a coordenadora do Programa, professora Sonia Alberti.

Apesar de serem poucos os programas de pós-graduação voltados para a psicanálise no Brasil, muitos psicanalistas são docentes, pesquisadores e participam das reuniões bianuais da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP). A professora diz que hoje o Brasil é reconhecido internacionalmente como o país em que a psicanálise está mais presente na academia: “essa condição é indicada pela historiadora e psicanalista francesa Elisabeth Roudinesco”.

A inserção da psicanálise no ambiente acadêmico está presente também em outros países latino-americanos. A professora Diana Rabinovich foi uma das pioneiras na introdução do ensino lacaniano na região ao convidar Jacques Lacan para ministrar em 1980 na Venezuela o seminário que ficaria conhecido como *O seminário de Caracas*. “Percebemos que não é apenas no Brasil que existe esse movimento forte da psicanálise enquanto pesquisa, com a proposta de fazer avançar na academia questões psicanalíticas. Daí a importância de dialogar com o conhecimento produzido em outros países”, destaca Sonia Alberti.

A vice-diretora do Instituto de Psicologia, Rita Manso, explica que apesar da formação psicanalítica ainda não existir nas universidades, a psicanálise é um dos referenciais teóricos das pesquisas acadêmicas. “Essa inserção foi projetada por Freud em suas conferências na Universidade de Viena e em outras universidades norte-americanas. Depois Lacan criou um departamento de psicanálise na Universidade de Paris-8, o primeiro no mundo”, exemplifica.

O tema central proposto pelo 1º Conlapsa, “A clínica do mal-estar”, baseia-se no início de um dos textos mais importantes de Freud: *O mal-estar na cultura*. O texto trata da importância da psicanálise na cultura. “Por conta da temática do nosso Programa, que tem como linha de pesquisa a clínica em psi-

canálise, acabamos brincando um pouco com o título do texto de Freud, para quem toda pesquisa em psicanálise seria necessariamente clínica. Assim, a ênfase do curso na UERJ está voltada para a questão da clínica, que traz contribuições para as pesquisas sempre novas e únicas”, comenta a coordenadora do Programa de Pós-graduação.

Por esses motivos, o evento pretende alcançar aqueles que se interessam pelo destino da psicanálise como produto da cultura e os que aplicam as contribuições psicanalíticas em outras áreas de conhecimento. “Existem psicanalistas que apontam para interdisciplinaridade e esses pesquisadores também foram convidados a participar do 1º Conlapsa. Os subtemas do congresso abrem para a discussão da clínica do mal-estar dentro de vários aspectos”, destaca Rita Manso.

A principal aposta desse primeiro encontro internacional é a possibilidade de os psicanalistas assumirem a sua função dentro da universidade. “A previsão de um dos resultados do encontro é termos a criação de uma associação de psicanalistas na universidade”, sugere Sonia Alberti. A intenção do congresso é estimular a organização de outros encontros para debater a inserção da psicanálise no ambiente acadêmico, estreitando os laços entre o ensino e a produção de conhecimento sobre campo ainda a ser explorado na universidade. Informações sobre o congresso em www.conlapsa.com.br/



Esporte

Equipe da Educação Física vence Pré-Jogos Universitários

A estreia dos alunos do Instituto de Educação Física e Desportos da UERJ na etapa preliminar dos Jogos Universitários de Educação Física (Juef) de 2011 ficará na memória da unidade. Os estudantes participaram dos Pré-Jogos Universitários – espécie de divisão de acesso ao jogos finais, realizado de 21 a 24 de abril na cidade de Barretos, SP – e classificaram-se como campeões gerais na soma de pontos levando a Universidade ao primeiro lugar. Os vencedores foram premiados com medalha e troféu por modalidade.

Como esta foi a primeira participação da UERJ nos Jogos, os alunos do Instituto fizeram parte do Pré-Juef. Oito instituições de ensino fizeram parte de cada divisão (Pré-Juef e Juef). A Universidade esteve representada nas modalidades handebol, futsal, vôlei e basquete masculino e feminino. Ficou em terceiro lugar no basquete masculino; em segundo no handebol feminino, futsal feminino e masculino e em primeiro no vôlei masculino e feminino, basquete feminino e handebol masculino. “Eram oito finais possíveis e nós fizemos sete, das quais ganhamos quatro. No somatório das pontuações, fomos campeões gerais, com 105 pontos, e em segundo ficou a Unicamp, com 72”, contam os estudantes Diogo Batista, Fabiano Pereira e Tobias Fares, integrantes do Centro Acadêmico Alberto Latorre de Faria.

Convidados a participar da competição pelo Orkut, também foi por meio das redes sociais que eles convocaram os alunos da Educação Física. “Até então, esse evento ficava restrito a instituições de São Paulo. Esta foi a primeira vez que os organizadores estenderam a universidades de todo o Brasil e a UERJ foi a única representante do Rio de Janeiro”, explica Diogo Batista, aluno do oitavo período. A participação dos alunos teve apoio da Sub-reitoria de Extensão e Cultura e da Diretoria de Administração Financeira. Os uniformes foram confeccionados com verbas do Centro Acadêmico.

Fabiano Pereira, aluno do oitavo período, conta que o Instituto levou uma delegação de cerca de cem estudantes



Alunos do Instituto de Educação Física e Desportos da UERJ que participam dos Jogos Universitários de Educação Física (Juef)

(incluindo ex-alunos) em três ônibus, com direito a bateria para animar a torcida: “Tínhamos uma cota de ex-alunos que poderiam participar e eles foram chamados para integrar o grupo e nos passar a sua experiência”, diz. Os estudantes se preocuparam também em formar comissões para hidratar os atletas e fazer o registro do evento. Alguns alunos filmaram os jogos para que pudessem analisar o desempenho dentro de quadra após os jogos.

Na preparação para as partidas houve um revezamento: estudantes que eram treinadores em uma equipe atuavam como atletas em outros jogos. Em setembro de 2010, a UERJ promoveu os Jogos Integrados, que serviu como base para os Pré-Jogos. “Durante os Jogos, recebemos várias orientações dos nossos professores, o que nos auxiliou no Pré-Juef”, conta Fabiano. Participaram dos Jogos Integrados estudantes do Instituto de Física e das faculdades de Direito, Engenharia e Ciências Médicas. A turma da Educação Física também foi campeã nessa competição interna: das oito finais possíveis, participou das oito e venceu sete – a exceção foi o basquete masculino, cujos campeões foram os alunos de Direito. As redes sociais – além de ajuda-

rem na convocação de alunos (inclusive calouros) – também foram canais para marcar horários de treinamento e informar como seriam as regras das eliminatórias dos Pré-Jogos. Segundo Diogo, “vários treinos foram realizados até chegarmos às melhores equipes possíveis. Essa foi a melhor forma de avaliação porque pode acontecer de a pessoa não estar em um bom dia e não realizar uma boa partida. Com a continuidade do processo é mais fácil avaliar”. Os treinamentos nas instalações do *campus* Maracanã começaram durante as férias de janeiro. Alguns alunos participaram de mais de uma modalidade e como os jogos aconteciam em três estádios diferentes havia uma tolerância de horário por parte da organização do evento em função do envolvimento do atleta em outras partidas.

Futuro

Sobre a participação no Pré-Juef, primeira competição em que enfrentaram outras universidades, os alunos do Instituto de Educação Física dizem que foi uma experiência importante que servirá para outros passos no futuro. “Há muitos anos a Educação Física não participava de competições esportivas. Com esta vitória pretendemos avançar

e participar do Campeonato Carioca Universitário, no qual a UERJ não se inscreve há alguns anos”, adianta Fabiano, lembrando que a Universidade participou em 1975 dos Jogos Universitários Brasileiros, com a presença na equipe do então aluno e hoje professor do Instituto, Silvio Barbosa.

Segundo Fabiano, o grupo está tentando resgatar essa cultura. “Contamos com o apoio do professor Edson Ramos, montando equipes com alunos dos vários cursos da UERJ, não apenas da Educação Física. Optamos por não participar de todas as modalidades pela escassez de tempo para treinamento. Por isso damos preferência às equipes já consolidadas que agregam alunos de outros cursos. O campeonato carioca é uma seletiva para o brasileiro. Enfrentaremos equipes com estrutura de clubes, como a Castelo Branco e a Universo, que contratam e oferecem bolsa aos atletas que os representam”. O regulamento determina que os dois primeiros colocados nos Pré-Jogos Universitários sobem para o Jogos, enquanto os dois últimos colocados nos Jogos descem para os Pré-Jogos. Com a vitória deste ano, a equipe da UERJ garantiu sua vaga nos Jogos Universitários de 2012.